

OS ESTEREÓTIPOS SEXUAIS NA ESCOLA *

GUIOMAR NAMO DE MELLO **

Educadores e estudiosos que se preocupam com o papel que a educação pode desempenhar para a melhoria das condições sociais e culturais em que vivem os seres humanos têm apontado com frequência como o sistema de ensino reproduz e ajuda a manter as desigualdades existentes na sociedade.

Gostaria de falar um pouco de um aspecto desse problema que tem sido relegado a segundo plano, ou apenas mencionado de passagem: o de como a educação escolar transmite e reforça padrões de comportamento sexual culturalmente estereotipados, reproduzindo, dessa forma, as desigualdades de condições e de oportunidades que existem entre homens e mulheres na nossa sociedade, quase sempre com prejuízo destas últimas.

Tentarei esboçar, de forma ampla, a situação da escola tal como se configura atualmente no que se refere à transmissão de estereótipos sexuais. Neste sentido procurarei deter-me em padrões gerais e mais comuns, embora reconheça que podem existir casos particulares que fujam dessas orientações mais comuns. Na medida do possível gostaria, também, de levantar algumas questões relativas às possibilidades de tornar a escola menos sexista. Creio ser útil uma reflexão a este respeito.

Professores e alunos são elementos indispensáveis e dependentes na escola tal como esta se organiza até os dias de hoje. Começemos, portanto, pelos primeiros.

Examinando-se a composição do quadro do magistério no Brasil, nos diferentes graus do ensino, vê-se que ele reproduz a estratificação sexual do trabalho vigente em nossa sociedade. No ensino primário, as mulheres são a grande maioria (mais de 90%); no ensino médio (antigo ginasial e atual 2.º grau), aproximadamente 50%; no ensino superior

apenas cerca de 20% dos professores são do sexo feminino. O magistério primário é o mais mal remunerado e o de menor prestígio, no Brasil, e nele predominam as mulheres. Esses dois fatos não se associam por simples coincidência, pois seguem a orientação geral da hierarquia do mercado de trabalho, no qual as carreiras predominantemente femininas ocupam os postos mais baixos.

Tomando-se cada grau escolar, esse padrão se repete. Embora constituam grande maioria do corpo docente do ensino primário, o número de mulheres diretoras de escolas não é proporcionalmente maior que o de homens; no ensino médio ocorre fenômeno semelhante. No superior, a proporção de mulheres, já pequena no geral, diminui na medida em que subimos na hierarquia dos cargos docentes desse ensino. Mesmo nas áreas de Ciências Humanas, e outras onde estão mais representadas, o número de mulheres que chegam a professoras titulares é muito pequeno.

Não existem muitos estudos a respeito das características das diferentes categorias ocupacionais do nosso sistema de ensino. Entretanto, tudo leva a crer, por esse quadro, que, como em muitas outras subculturas de nossa sociedade, nele também operam os estereótipos e preconceitos relativos à mulher. Plausível é também supor que esses estereótipos e preconceitos devem constituir barreiras poderosas que impedem a ascensão da mulher que ensina dentro da própria carreira, apesar de ser o magistério comumente apontado como uma das atividades mais compatíveis com os papéis de mãe e esposa, aos quais, segundo se diz, ela é naturalmente destinada. Estereótipos e preconceitos não se manifestam apenas por meio de pressões sociais externas mais ou menos ostensivas. São assumidos pelas próprias mulheres que trabalham no ensino, ou em outras carreiras, causando-lhes conflitos que limitam suas motivações e seus empenhos. É, portanto, perfeitamente razoável presumir que, num sistema hierarquizado quanto ao sexo das pessoas que nele trabalham, normas e crenças, formas de comportamento mais aprovadas, operem, não apenas entre os professores, mas permeiem também o rela-

* Comunicação apresentada no Seminário "Pesquisa sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira", patrocinado pelo Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, 30/6 a 6/7/75.

** Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

cionamento destes com seus papéis complementares, ou seja, os alunos. Tentemos analisar a situação destes últimos.

Numericamente, a representação das meninas no ensino de primeiro grau é a mesma, ou até maior que a dos meninos. Também no 2.º grau e no superior, tem aumentado, de ano a ano, a proporção de alunas. Comparadas com suas avós ou bisavós, as oportunidades que a jovem de hoje tem de frequentar escolas e adquirir uma capacitação profissional são muito maiores. Isso tudo raciocinando na base do "antigamente era pior". Quero entretanto, sem ser pessimista, jogar um pouco de água na fogueira da decantada "ascensão da mulher" na educação, trazendo alguns elementos que dão o que pensar.

O ponto de vista que vou defender é o de que, hoje em dia, os preconceitos relativos ao tipo de educação mais adequado para a mulher já não se manifestam de forma grotesca, como quando se dizia que a ela bastava ler algumas letras para poder repetir as orações (a receita da goiabada podia ser decorada). Hoje em dia, as formas tornaram-se mais sutis; os preconceitos são revelados principalmente pela participação seletiva da mulher no sistema educacional, não por sua ausência dos bancos escolares.

Enquanto nos limitamos à escola comum e básica, esse problema não é saliente. Todos os alunos, em princípio, recebem a mesma formação. Digo em princípio, porque há formação e formação, e nem tudo é igual para meninos e meninas na escola, desde o pré-primário, como tentaremos apontar adiante. Já no grau colegial, assistimos a uma maior concentração de meninas em áreas que as encaminharão para cursos superiores ou para profissões predominantemente femininas. Elas se concentram em cursos de Secretariado, Enfermagem, Educação, Letras e Humanidades. Aparecem muito menos nas áreas de ciências exatas. No ensino superior, as mulheres predominam nos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Letras e Filosofia, Paramédicas. São menos numerosas entre os futuros químicos, físicos, matemáticos, economistas e médicos; são quase inexistentes entre os futuros agrônomos, geólogos e engenheiros.

Quando concorrem aos exames vestibulares, aparecem em número quase igual ao dos rapazes. Contudo, examinando os cursos escolhidos, chega-se à conclusão de que as moças não estão disputando as mesmas vagas que os rapazes, pois se destinam em geral aos cursos pelos quais estes não se interessam. E os cursos que atraem poucos elementos do sexo masculino são exatamente os menos concorridos e os que preparam para carreiras de menor prestígio ou para profissões de apoio a outras, como é o caso de Enfermagem e Paramédicas.

As moças que chegam ao ensino superior, e mesmo as que param no caminho, passaram vários anos na escola. Que fez esta para levá-las a pensar em seu próprio destino não apenas em função de seu papel de mulher, mas também — e principalmente — em função de suas capacidades e preferências?

A escola em si mesma não é responsável pelos estereótipos culturais. Todavia, funciona como mais uma agência de socialização a fortalecê-los, como parecem sugerir investigações feitas em vários países. Os dados que discuto a seguir provêm principalmente desses estudos, pois no Brasil quase nada existe de pesquisa nessa área.

Segundo esses estudos, a ideologia da escola está longe de ser vanguardista em relação aos papéis sexuais. Os livros de textos utilizados pelos professores retratam em geral modelos de papéis sexuais tradicionais. As atividades curriculares ainda têm muito de estereotipia sexual. É comum os alunos serem separados por sexo para as aulas das disciplinas que se propõem a realizar sondagem de aptidões — meninas vão para Educação Doméstica e meninos para Artes Industriais.

Um estudo extensivo, que investigou uma amostra representativa de alunos de escolas médias norte-americanas quanto a conhecimentos e a capacidades intelectuais, constatou que os meninos apresentaram melhor rendimento em testes de conhecimento de aeronáutica e espaço, mecânica, eletricidade e eletrônica, esportes, caça e pesca e ciência física, enquanto as meninas saíram-se melhor em testes de conhecimento de música, arte, arquitetura, teatro, "ballet", etiqueta e consumo doméstico.

Quantos conselhos de orientadores educacionais, quantas sugestões, quantas oportunidades facilitadas ou dificultadas pela escola estarão por trás desses dados? Quantas vezes a escola pressupõe — sem uma reflexão mais cuidadosa — que esses interesses sexuais estereotipados, que os meninos e meninas apresentam, já vêm determinados pela família e são parte da cultura, sendo portanto difícil e mesmo discutível modificá-los, pois isso poderia criar "desajustamentos"?

A consagração das diferenças de aptidões e interesses de meninos e meninas talvez não seja ainda o problema mais sério. Alguns dados intrigantes aparecem em várias pesquisas a respeito de diferenças sexuais na escola: as meninas são, em geral, melhores alunas que os meninos, isto é, recebem notas mais altas. Seu rendimento é mais uniforme, ou seja, elas tendem a um padrão semelhante nas diferentes disciplinas do currículo. São, segundo vários pesquisadores constataram, as que recebem maior número de reforços positivos dos professores. Os meninos são mais seletivos quanto ao rendimento,

tendendo a obter melhores resultados nas disciplinas pelas quais têm maior interesse; percebem a escola com mais hostilidade que as meninas. Estas tendem a sentir-se mais à vontade na situação escolar. Os meninos recebem um número consideravelmente maior de punições, apresentam mais distúrbios de comportamento, maior número de reprovações e maiores atrasos de escolaridade, mais problemas de aprendizagem de leitura. Cremos que esses dados colocam o problema do sexismo da escola sob uma ótica um tanto diferente. Minha hipótese é a de que as meninas se ajustam melhor à situação escolar porque a escola, como instituição, valoriza comportamentos que a menina desde muito cedo, na família, já aprendeu a apresentar: dependência de aprovação dos outros, passividade, obediência. Com o menino, as coisas já se passam de modo um pouco diferente. Ainda que a família também exija dele a obediência a certos padrões de comportamento, é muito mais complacente para com seus atos de agressividade e auto-afirmação. Desse modo, enquanto a escola para a menina é como a "sopa no mel", para o menino ela se torna mais uma área de exercício de sua auto-identidade. Sei que há muitas exceções e que corro o risco de talvez simplificar coisas cuja complexidade é maior do que pode parecer à primeira vista. Mas não deixa de ser sugestiva essa linha de raciocínio e, pelo que se conhece da escola comum e das crianças e famílias comuns, não é difícil imaginar que provavelmente as coisas se passem assim.

Então, não é somente por meio das atividades curriculares e dos materiais didáticos que a escola veicula e confirma os papéis sexuais culturalmente estereotipados. É, também, por meio de seus valores ocultos ou declarados, pelas formas sutis que adota de valorizar certos padrões de conduta que coincidem com aqueles que são mais aprovados nas mulheres em nossa cultura.

Esse maior ajustamento da menina à escola poderá, à primeira vista, levar a supor que ela teria a vantagem de aprender mais e se desempenhar melhor nas atividades intelectuais. Será isso verdade? Será que as melhores notas que os professores dão às meninas traduzem de fato seu melhor rendimento em relação aos meninos? Levanto algumas dúvidas quanto a isso. E, novamente, a partir de alguns dados sugestivos. As moças não são mais bem sucedidas que os rapazes nos vestibulares, por exemplo, que em nosso sistema educacional é um momento decisivo. Ao contrário, em muitas áreas elas fracassam mais. Em inúmeros estudos que investigaram, por meio de medidas padronizadas, diferenças entre meninos e meninas, ou homens e mulheres, constatou-se que o sexo masculino apresenta melhor desempenho em solução de problemas, pensamento analítico, raciocínio matemático, espacial e mecânico; o feminino, em fluência verbal, memória e vocabulário. Não é necessário dizer que as habili-

dades nas quais os homens se mostram superiores são as mais importantes para a atividade intelectual, seja ela acadêmica ou não. Existem algumas evidências de que há diferenças entre os sexos logo ao nascer, quanto à sensibilidade, nível geral de impulsividade, etc. Parece, também, que as meninas amadurecem mais cedo e possuem diferentes ritmos de crescimento em relação aos meninos. Mas não se comprovou, ainda, que tais diferenças possam responder por tão grandes discrepâncias no desempenho dos dois sexos. Se não se aceita que as diferenças de desempenho intelectual são devidas a características biológicas inerentes a cada sexo, então tem-se de atribuí-las à cultura. E, na cultura, não é à escola que compete, em grande parte, a função de orientar e facilitar o desenvolvimento intelectual das pessoas?

Parece, portanto, que a escola desempenha um papel importante para reforçar papéis sexuais tradicionais valorizados pela cultura. A questão então é saber se é possível mudá-la. Creio que não se deve ter ilusões quanto ao poder da educação como fator desencadeante de mudanças sócio-culturais, pois ela de um modo geral existe para colaborar na manutenção da organização social existente.

Entretanto, apesar de reconhecer as limitações da ação da escola como instituição isolada, não estou segura de que o fato dela existir para servir a um determinado sistema torne-a, necessariamente, reprodutora fiel desse mesmo sistema, na medida em que, quase sempre, ele permite e comporta setores mais vanguardistas e sensíveis às necessidades de mudanças em determinadas áreas. Uma dessas áreas parece ser a dos papéis sexuais, com implicações diretas para a posição que a mulher ocupa na vida social e econômica. O questionamento da divisão tradicional entre os sexos na família, no trabalho e em outros setores é fato que está ocorrendo em diferentes culturas e regimes políticos, em países de diferentes graus de desenvolvimento, apesar de adquirir manifestações peculiares em cada caso. A nosso ver a escola poderia — e deveria — constituir um setor que favorecesse as mudanças que já se estão processando na sociedade como um todo no que se refere ao papel da mulher e do homem. Ela poderia desempenhar essa função tornando-se sensível para novas formas de comportamento, despertando nos alunos novos valores e necessidades que eles não aprenderam em outros setores de socialização ou, pelo menos, ajudando-os a questionar normas de convivência entre os sexos, que já se mostram inadequadas no mundo de hoje. Uma mudança nos métodos de trabalho, na orientação vocacional ou nos materiais didáticos não é suficiente para que meninos e meninas, sem estratificação por sexo, tenham as mesmas oportunidades de desenvolverem suas potencialidades. Mas é necessária e viável a

curto ou médio prazo. Sem dúvida, como tentei mostrar, o problema é de maior monta, pois é a própria ideologia da escola que se coloca em questão, quando se reflete sobre seu papel na manutenção dos estereótipos sexuais. Todavia, mudanças menos dolorosas e menos dependentes de transformações sociais mais profundas podem constituir um plano de ação válido. Por que não procurar despertar, nos planejadores de currículo, nos orientadores vocacionais e nos professores, a consciência para o prejuízo que, às vezes, não intencionalmente, criam para meninas e meninos, quando organizam atividades marcadas como mais masculinas, ou mais femininas? Não seria bom e possível analisar e mostrar as imagens tradicionais de mulher que povoam os livros escolares e a literatura infantil? Seria tão difícil mostrar aos professores que eles correm o risco de dispensar um tratamento diferencial a cada um dos sexos influenciados pelos seus valores? Por que não desafiá-los a facilitar, por meio das atividades escolares, as condições para que nossos meninos e meninas sejam iguais nas suas diferenças? Por que não perguntar-lhes como explicam a absoluta ausência

de estudos sobre diferenças sexuais na escola brasileira?

Boa parte de nossos educadores é constituída de mulheres. É provável que se se levantarem, nos cursos de preparação para o magistério, problemas como os que acabamos de expor, isso levaria a que futuras professoras refletissem sobre seus próprios preconceitos e sobre as imagens que valorizam. Quem sabe isso as alertaria para que fossem mais cautelosas quanto à transmissão desses valores a seus alunos. Talvez até possamos pensar em intervenções mais profundas nas atitudes dessas futuras professoras, criando-lhes problemas, mais que resolvendo-os. Para ser um bom educador não me parece necessário ter chegado a uma verdade pronta e definitiva a respeito de si mesmo. Se as mulheres, professoras no nosso caso, percebessem mais a ambivalência existente na conciliação de sua imagem de mulher com sua vida profissional, quem sabe algumas coisas poderiam ser modificadas no relacionamento professora-aluno e no trabalho docente em geral. Talvez por aí é que se deva começar...

[Recebido para publicação em julho de 1975]